

1

Introdução

As relações que se estabelecem entre mente e corpo desde sempre constituíram amplo campo de interesse para investigação das mais variadas áreas do saber. Tomemos, então, como ponto de partida algumas considerações iniciais sobre o percurso deste pensamento ao longo dos tempos.

O campo da psicossomática foi desde o início do século passado enriquecido pelas descobertas que se faziam à luz das teorias freudianas. Intrigado acerca das razões que levam o conflito psíquico a se manifestar na dimensão somática e contemplando em suas pesquisas aquilo que outros campos de saber em sua época desprezavam, como os sonhos, os lapsos e a histeria, Freud descobre o Inconsciente e tece todo um referencial teórico que se propará a refletir, dentre outras coisas, sobre as ligações entre psique e soma. Nesse contexto, o modelo etiológico da histeria de conversão logo se constituiu como uma das primeiras tentativas de pensar a influência dos fatores emocionais nas doenças orgânicas. Assim, o sintoma somático seria sempre a tradução na esfera orgânica de um conflito que se dá a nível inconsciente e que representa invariavelmente uma formação de compromisso da ordem do simbólico.

Mais adiante, outras construções teóricas foram se perfazendo através do pensamento de alguns ilustres dissidentes da psicanálise clássica. Do paralelismo psicofísico de Reich, às neuroses de órgão de Ferenczi até às concepções unicistas sobre mente e corpo de Grodeck, foram se buscando referenciais teóricos que pudessem de alguma forma dar conta dos fenômenos ligados ao adoecer humano observados correntemente na prática clínica (Volich, 2000). A integração das dimensões psíquica e orgânica foi tomada como ponto de partida para a psicanálise que se ofereceu não só como operador teórico de referência nessa área, mas também como um marco de virada da própria clínica por se através da ampliação de uma escuta interessada e atenta potencializando, segundo se pensa, as possibilidades de cura.

Com os avanços na área médica e o crescente contributo dos domínios da neurologia, da fisiologia e principalmente da biologia molecular, assistimos a um enorme incremento das produções literário-científicas destinadas a correlacionar sistemas de órgãos específicos e suas respostas ante situações potencialmente

traumáticas à certas estruturas de personalidade previamente definidas (Volich, 2000). Eram, portanto, tentativas de estabelecer as bases de uma clínica preditiva com pretensões prognósticas que pudesse aliar os ditos fatores emocionais e psicológicos à eclosão dos mais variados males orgânicos.

Contudo, apesar de todo entusiasmo inicial atrelado às descobertas sobre o funcionamento interno dos sistemas do corpo, algumas questões importantes ficaram por responder.

Alguns indivíduos parecem privilegiar a manifestação de desordens na esfera somática quando deparados com os conflitos e impasses com os quais a vida freqüentemente os defronta. Por outro lado, estas manifestações patológicas a que nos referimos, não contém em si o valor de uma metáfora recalcada, como nos casos da conversão histérica, mas tão somente espelham o vazio psíquico que parece habitar algumas pessoas. Tais constatações levaram muitos autores a se indagar sobre os rumos da psicanálise e de seus papéis como profissionais de saúde mental quando confrontados com situações em que a interpretação analítica parecia inócua e sem efeito. De fato, nestes casos a palavra não contém nenhum sentido estruturante, está destituída da possibilidade de qualquer apreensão pelo simbólico, devido aos escassos recursos da vida psíquica. Portanto, miséria representacional parece caracterizar estas formações individuais.

Júlia Kristeva (2002) se debruça sobre este tema em seu livro *As Novas Doenças da Alma*, através do qual tece profundos comentários destinados a nos pôr em contato com esta miséria da vida interior característica dos tempos modernos. Segundo a autora, a sociedade do consumismo exacerbado e do espetáculo dilacera nossas almas, fragmenta nosso espírito em prol do stress a que nos submete, da necessidade imperiosa por consumir e gastar, desfrutar e morrer limitando o tempo e o espaço necessário para se construir uma alma. Os corpos são destinados a agir, a serem eficientes e a se espelharem no mundo áudio-visual que a mídia veicula. Estes fatos conjugados com o avanço tecnológico, e às vezes inescrupuloso da medicina, padronizam feições e discursos, amortecem angústias que, sem ter outro meio de expressão, esbarram num corpo “à deriva” de seus próprios estados internos. Para a autora, “a vida psíquica do homem moderno situa-se entre o sintoma somático (doença, hospital) e a transformação dos desejos em imagens (devaneio diante da televisão)” (Kristeva, 2002, p. 15).

Com esta abordagem Júlia Kristeva não pretende focar somente os fenômenos psicossomáticos, mas também as toxicomanias, as depressões e o que designou por “falsas-personalidades”, atribuindo a todos o mesmo denominador comum: o empobrecimento da vida psíquica. Será esta uma marca dos novos tempos, ou tão somente uma visão diferente de problemas antigos?

Podemos concordar ou não com a profundidade de alguns comentários elaborados pela autora e aqui repassados brevemente. Porém, certamente não podemos nos furtar à constatação de que muitos dos problemas com os quais a prática clínica nos defronta mostram uma espécie de alienação da vida interior sobre a qual freqüentemente nada se sabe ou nada se tem, a saber. Psique e soma se desarticulam em configurações nosológicas variadas fruto, talvez, de uma economia forçada da vida psíquica.

Tendo em vista estas considerações, podemos dizer que o tema central deste trabalho, a pele e suas manifestações, nos colocam em contato com um tempo de nossas vivências marcado pelo sensório, onde a vida interior se encontra ainda em suas origens. Talvez o resgate deste tempo sumariamente “obliterado” de nossas mentes permita uma melhor compreensão de nossos próprios modos de estar no mundo.

Percebemos, então, tal como certos autores defendem que a pele é um lugar de paradoxos, em outras palavras, profundidade e superfície, ponte entre as experiências internas e externas e talvez por este motivo seu padecimento revele a necessidade de trilhar caminhos que nos conduzam aos períodos mais arcaicos da nossa constituição psíquica. Ao que pudemos constatar, este é freqüentemente um pedido “sem palavras”, de um sofrimento inexprimível presente em muitos dos casos relatados pela literatura que encontramos. Nesse sentido, com a intenção despreziosa de retomar este “tempo do sensível”, tão necessário nos dias atuais, procederemos à nossa incursão pelo tema, tendo por base alguns pressupostos importantes, os quais passamos a citar seguidamente.

As afecções de pele estão relacionadas aos processos de delimitação das fronteiras do corpo, onde muito comumente não se adquire uma noção exata dos próprios contornos, da própria pele. Tal fato se prende, segundo pensamos, a dificuldades na constituição de uma individualidade que passa, sobretudo, pela incapacidade de “encarnar” psicologicamente o corpo biológico. Então, a este propósito, a literatura relata a presença de indivíduos que não conseguiram passar

satisfatoriamente pela experiência de separação-individuação permanecendo acoplados à uma pele materna, sem qualquer possibilidade de subjetivação. Constatamos, não raro, que a necessidade de permanência ou retorno ao estado de indistinção primitiva é, freqüentemente, a tônica predominante nestes casos. Parece claro que a transição da pele materna à pele psíquica se encontra prejudicada.

Assim sendo, o nosso trajeto na abordagem deste tema, optou pela exposição em três capítulos de alguns dos aspectos considerados essenciais para o entendimento desta temática.

No primeiro capítulo privilegiaremos o interesse pelo estudo mais aprofundado das relações que se estabelecem desde cedo entre mãe e criança, buscando compreender as formas pelas quais se dá esta integração psique-soma, fundamental à construção de uma experiência subjetiva de corpo. Segundo se pensa, a relação entre psíquico e somático é, portanto, marcada pelo encontro primitivo com o psiquismo materno cuja evolução vai determinar, em grande parte, os destinos do desenvolvimento emocional infantil.

Com este intuito, iniciaremos o trabalho com o enfoque de alguns dos autores que mais influenciaram o pensamento psicanalítico sobre este período arcaico do psiquismo (M.Klein, D.W.Bion), articulando suas idéias aos desdobramentos teóricos que posteriormente surgiram. De seguida, falaremos da importância da maternagem para o desenvolvimento saudável e equilibrado da criança, utilizando os pressupostos de D.W.Winnicott, que muito se debruçou sobre este assunto. Para o autor, a presença da mãe, na forma dos cuidados que ela oferece, representa não só uma fonte de estimulação importante, mas o começo de uma comunicação pré-verbal, sensível, através da qual a criança vai dando significado às suas experiências internas e externas. Portanto, é através do toque de sua pele com a pele materna que ficam registradas as marcas mais profundas dos momentos iniciais da vida infantil, numa espécie de memória formativa e informativa acerca de si enquanto singularidade no mundo. Nesse sentido, terminaremos o primeiro capítulo enfatizando a questão da separação e individuação propriamente dita, através dos referenciais utilizados por Margareth Mahler.

Dando prosseguimento, na segunda fase deste trabalho enfocaremos as questões ligadas ao adoecer, considerando suas relações com as fases primordiais

do desenvolvimento infantil e possíveis distorções na interação mãe-filho. Com este propósito, privilegiaremos a Escola de Psicossomática Psicanalítica de Paris (IPSO), fundada por Pierre Marty. Segundo este pensamento, a patologia somática resulta da impossibilidade de elaboração da excitação através dos recursos psíquicos individuais, em função de uma estruturação deficiente, no plano representativo e emocional, do aparelho mental. Em outras palavras, quando a mente é confrontada com a incapacidade de elaborar suas questões, seus conflitos externos e/ou internos, é o corpo que opera esta impossibilidade através de desorganizações e regressões nas mais variadas esferas do funcionamento psicossomático. Posteriormente enfocaremos os meandros da construção erógena do corpo, em que pese a sua influência, participação no sofrimento do mesmo. A concluir, articularemos os conceitos anteriores aos problemas observados na interação mãe-filho, tomando os pressupostos de importantes pediatras como L. Kreisler, M. Fain e M. Soulé, que também partilham das concepções de Pierre Marty.

Por último, traçaremos um caminho que pretende levar à compreensão da relevância da pele na estruturação inicial do psiquismo. Para isso mencionaremos o importante trabalho de Didier Anzieu, Esther Bick, dentre outros, que muito nos ajudaram a compreender melhor a profundidade e sutileza desta temática. Em virtude disto, não poderíamos deixar de lado o relato de um fragmento de caso clínico apresentado por um dos integrantes do IPSO, que nos permitirá integrar os vários referenciais destacados e, além disso, proceder a alguns comentários pertinentes de nossas observações e crenças.